

Os desafios para a aceitação da homeopatia como uma prática integrativa e complementar no SUS

Challenges for acceptance of homeopathy as an integrative and complementary practice in SUS

Recebido em: 15/03/2020

Aceito em: 07/07/2020

Ana Caroline Hadlich FERRAZ¹; Daniel Brustolin LUDWIG^{1,2}

¹Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Alameda Élio Antonio Dalla Vecchia, 838, Bairro Vila Carli, CEP 85040-167. Guarapuava, PR, Brasil.

²Faculdade Guairacá. Rua XV de Novembro, 7050, Centro, CEP 85010-000. Guarapuava, PR, Brasil.

E-mail: dludwig78@gmail.com

ABSTRACT

Homeopathy is a holistic therapy, founded in 1796, whose main objective is to treat the individual seeking their integral care. It arrived in Brazil in 1840 and was introduced to the Unified Health System (SUS) in 2006, after being defined as an integrative and complementary practice. However, homeopathic therapy is poorly accepted by managers, health professionals, and users of the public system. This study aims to overview this therapy use and detect the challenges for its acceptance in the SUS. The research was developed in a quantitative exploratory way, through the questionnaire application, as well as a literature review for data correlation. The survey had 130 participants, mostly women aged 18 to 29 years. In the main aspect of the study, 95.4% of people know or at least have heard of homeopathy. However, only 16.9% make use of this therapy, and 60.5% claimed not to know that SUS can offer the treatment. The lack of studies aimed at its scientific proof and the lack of scientific and extension projects in undergraduate courses, culminating in the low aptitude of health professionals in approaching the homeopathic treatment system. Thus, it is crucial to include Homeopathy in the Health worker's undergraduate courses and carry on public campaigns for the dissemination of therapy is highlighted.

Keywords: Homeopathy; SUS; integrative and complementary practices.

RESUMO

A homeopatia é uma terapia holística, fundamentada em 1796, que tem como principal objetivo tratar o indivíduo buscando seu cuidado integral. Chegou ao Brasil em 1840 e foi institucionalizada ao Sistema Único de Saúde (SUS) em 2006, após ser definida como uma prática integrativa e complementar. No entanto, a terapia homeopática é pouco aceita pelos gestores, profissionais de saúde e usuários do sistema público. Este trabalho tem a finalidade de avaliar o conhecimento e a utilização desta terapia, a fim de traçar os desafios para sua aceitação no SUS, bem como propor maneiras de reduzir a resistência criada em seu entorno. A pesquisa foi desenvolvida de forma exploratória quantitativa, através da aplicação de um questionário online, além da realização de uma revisão bibliográfica na literatura para correlação de dados. A pesquisa

contou com 130 participantes, em sua maioria mulheres com idade entre 18 e 29 anos. No aspecto principal do estudo, 95,4% das pessoas conhecem ou ao menos já ouviram falar na homeopatia. Entretanto, somente 16,9% fazem uso desta terapia e 60,5% alegaram não saber que o tratamento pode ser oferecido pelo SUS. A falta de estudos voltados para a sua comprovação científica e a carência de projetos científicos e de extensão nos cursos de graduação, culminam para baixa aptidão dos profissionais de saúde em abordar o sistema de tratamento homeopático. Desta forma destaca-se a importância em intensificar o currículo homeopático destes profissionais e a criação de campanhas públicas para a divulgação da terapia.

Palavras-chave: Homeopatia; SUS; práticas integrativas e complementares.

INTRODUÇÃO

Desenvolvida em 1796 na Alemanha, pelo médico Christian Frederich Samuel Hahnemann (1755-1843), a Homeopatia é considerada uma terapia holística oriunda da Medicina Hipocrática, que considera os processos de saúde e doença como provenientes do equilíbrio e desequilíbrio do organismo humano. Trata o ser em sua totalidade, buscando seu cuidado integral e não apenas de suas queixas e enfermidades (1). De acordo com Hahnemann esta terapia é fundamentada em quatro pilares: lei dos semelhantes, experimentação no indivíduo sadio, doses mínimas e remédio único (2).

A lei dos semelhantes é baseada no princípio de o medicamento homeopático curar os mesmos sintomas que é capaz de produzir (2). Este preceito está diretamente ligado ao da experimentação em indivíduos sadios, ou seja, substâncias que desencadeiam certas reações em um indivíduo saudável, contudo, sensível, podem curar o sujeito doente que apresente um quadro sintomático semelhante (3).

De acordo com a filosofia homeopática, estas substâncias devem ser administradas em doses extremamente diluídas, ditas dinamizadas, para que permaneça apenas a informação terapêutica do composto, capaz de equilibrar o organismo doente, estimulando suas reações orgânicas, sem gerar intoxicações. No último pilar, a utilização de um único medicamento, chamado *Simillimum*, o qual deve ser suficiente para curar todos os sintomas apresentados pelo paciente, evitando interações entre diferentes compostos (2,4).

A homeopatia chegou ao Brasil em 1840, por meio do francês Benoit Jules Mure (1809-1858); no entanto, há relatos que imigrantes alemães já a

utilizavam de forma empírica, seguindo orientações presentes nos livros escritos por Hahnemann. Inicialmente, houve relutância da parte da elite socioeconômica que, nos meios acadêmicos, bloqueava sua oficialização, acusando a Homeopatia de ser uma prática inverídica. Em contrapartida, profissionais e defensores desta prática terapêutica lutavam, por meio da imprensa e de órgãos oficiais ligados à saúde, pela sua consolidação (5,6).

Em 1981, foi criada a Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), com o intuito de instituir normas no ensino dos cursos de formação do médico homeopata, possibilitando o reconhecimento desta terapia como uma especialidade médica. Com isso alguns municípios passaram a disponibilizar, aos usuários do sistema público de saúde, atendimentos pela homeopatia, resultando na implementação da prática na saúde pública brasileira no ano de 1986 (7).

Mais tarde, em 1990, foi formada a Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas (ABFH), com a finalidade de estabelecer regras para a manipulação de medicamentos e inseri-los em todas as farmácias do país. No entanto, a produção e distribuição destes, que já era escassa, foi descontinuada devido à falta de uma política nacional que norteasse estes serviços (8).

Após muitos anos de resistência, a prática desta terapêutica retornou oficialmente ao Sistema Único de Saúde (SUS), em 2006, com a publicação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), publicada na portaria nº 971 do Ministério da Saúde (9), que surgiu após influência da Organização Mundial da Saúde (OMS), com o objetivo de intensificar a atenção integral, continuada e humanizada e os cuidados primários

a saúde (10). Além da Homeopatia, outras práticas também foram inseridas ao SUS, a partir da criação da PNPIC, como a Fitoterapia e a Medicina Tradicional Chinesa (Acupuntura) (11).

A introdução da homeopatia na atenção básica deve ser defendida, pois seu principal objetivo é a humanização da atenção, explicada devido ao foco integral que é dado ao indivíduo, sempre estabelecendo uma forte conexão entre médico e paciente. Assim, a Homeopatia possibilita tratar a origem das queixas e compreender o sujeito em todos os aspectos, por meio de um olhar menos biológico e mais voltado para a multidimensionalidade do ser humano (10,12).

No Brasil, grande parte dos municípios ainda não oferece aos usuários do sistema público o tratamento pela Homeopatia, pois, de acordo com Galhardi e cols (2012), as PNPIC são pouco conhecidas pelos gestores de saúde, assim como pela população (10). Por outro lado Dias e cols. (2014), afirmou que a maioria dos usuários confiaria em utilizar a homeopatia caso ela fosse oferecida (4). Além disso, sua implantação traria benefícios, como o baixo custo, menores efeitos adversos e contribuição para o uso racional de medicamentos, visto que já foi comprovada sua efetividade e segurança, além da sua visão biopsicossocial do paciente, condizente à filosofia proposta pelo SUS (4, 13).

Neste aspecto, o farmacêutico é um dos profissionais mais importantes na relação paciente/terapia, pois é o último, ou muitas vezes o único profissional da saúde em contato com o doente antes que ele faça uso do medicamento. Tendo em vista que o farmacêutico homeopata deve realizar o acompanhamento do paciente, fornecendo a ele toda a assistência necessária, principalmente na farmacovigilância. Também é atribuição deste profissional, quando habilitado, efetuar prescrições, assim como formular medicamentos homeopáticos (14).

O objetivo deste estudo foi avaliar o conhecimento e a aceitação do tratamento homeopático pelos usuários do SUS, através da aplicação de um questionário online, com perguntas relacionadas ao conhecimento e a utilização da homeopatia, além de correlacionar gênero, faixas etárias e as áreas de atuação destes indivíduos, permitindo desta forma identificar e discutir os desafios para sua aceitação

e propor formas de amenizar a resistência criada em torno da terapia homeopática.

MÉTODOS

Este trabalho foi desenvolvido a partir uma pesquisa exploratória quantitativa, por meio da elaboração e aplicação de um questionário online, utilizando a plataforma de formulários do Google. Sua distribuição ocorreu na forma de link através de e-mail e outras redes sociais, alcançando desta forma um grande número de pessoas. O questionário contava com 12 perguntas a respeito do conhecimento e da utilização da Homeopatia e foi distribuído entre alunos e funcionários da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), além de pessoas externas, como por exemplo, familiares, amigos, conhecidos, entre outros.

O questionário dispunha inicialmente de perguntas relacionadas ao perfil do participante, como idade, gênero, grau de escolaridade e área de atuação, seguidas de questões específicas sobre o tratamento homeopático, onde cada participante era direcionado para a próxima pergunta de acordo com sua resposta e desta forma, o número (n) de respostas foi variável. O link ficou disponível do dia 26/08/2019 ao dia 06/10/2019 e todos que tiveram acesso ao questionário com idade a partir de 18 anos puderam responder. Após a coleta, os dados foram avaliados, tratados e expressos como frequência absoluta e frequência relativa. Não foram utilizados testes estatísticos específicos.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – COMEP e pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), parecer número 3.527.820. Todos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e uma cópia do mesmo foi enviada a cada voluntário via e-mail.

Além do estudo, também foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa da literatura, a fim de correlacionar os dados obtidos. A pesquisa envolveu materiais com relação ao tratamento homeopático, histórico e fundamentos da homeopatia, práticas integrativas e complementares e homeopatia no SUS, que foram encontrados em sua maioria em revistas científicas na base de dados SciELO e consultando sites como o da Organização Mundial

da Saúde e Ministério da Saúde. A preferência foi dada para artigos e trabalhos em português, considerando que o tema escolhido envolve o contexto da saúde nacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve início no dia 26 de agosto de 2019 e encerrou em 06 de outubro do mesmo ano,

atingindo um total de 130 respostas. Com relação ao perfil dos participantes foi observado que a grande maioria dos indivíduos eram mulheres (74,6%) na faixa etária entre 18 e 29 anos (66,2%). Também foi possível constatar que a pesquisa atingiu em sua maior parte residentes do estado do Paraná, que contabilizaram 99,2% dos entrevistados.

Outro fator abordado foi o grau de escolaridade (Figura 1).

Figura 1. Nível de escolaridade dos participantes (n= 130) da pesquisa sobre a Homeopatia no SUS (2019)

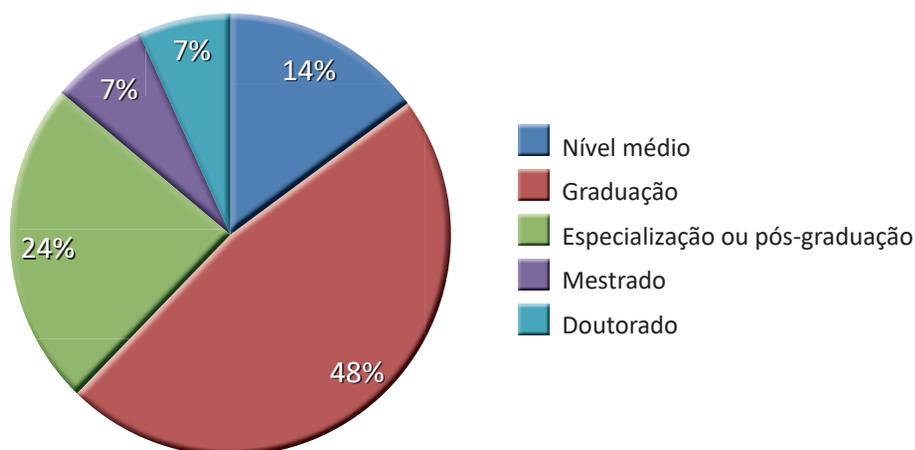


Figura 2. Área de atuação dos entrevistados (n= 130) na pesquisa sobre a Homeopatia no SUS (2019)

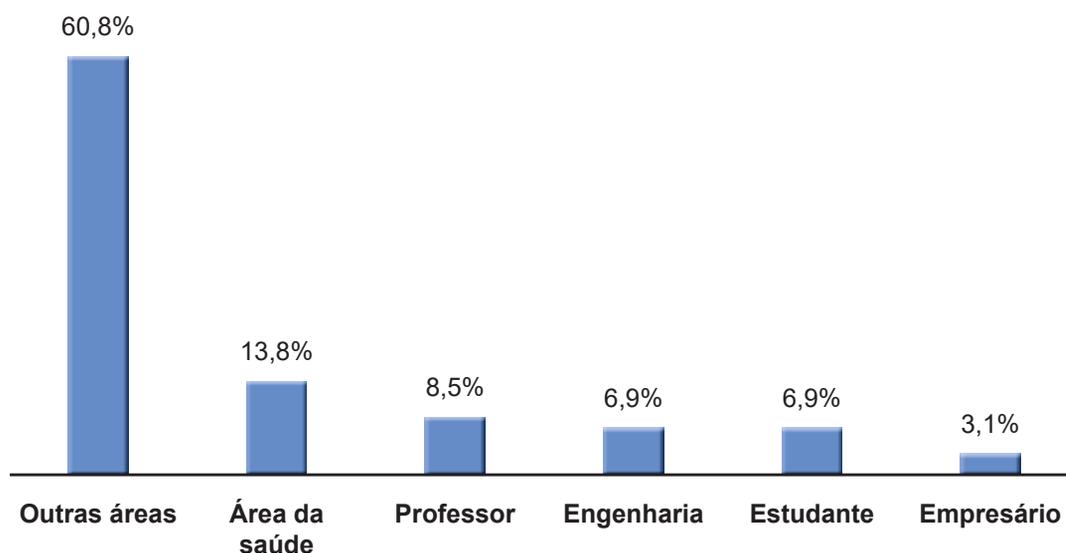


Figura 3. Percentual dos indivíduos que alegaram ter conhecimento sobre a Homeopatia (n= 130) na pesquisa sobre a Homeopatia no SUS (2019)



Quanto à área de atuação profissional, foram diversas as áreas representadas. Contudo, 13,8% dos participantes alegaram ser atuantes na área da Saúde (5,4% farmacêuticos, 2,3% enfermeiros, 1,5% fisioterapeutas, 1,5% dentistas e 2,3% não especificaram) como observado na Figura 2.

No aspecto principal do estudo, o conhecimento sobre Homeopatia, 95,4% das pessoas alegaram conhecer ou ao menos ter ouvido falar na terapia

homeopática (Figura 3). Os entrevistados afirmaram ainda, em sua maioria, ter conhecido a Homeopatia por meio de amigos e familiares ou durante a graduação e raramente por meio de profissionais da saúde, como o médico ou o farmacêutico (Figura 4). Ainda de acordo com a pesquisa, foi possível evidenciar um predomínio de indivíduos que desconheciam o fato de que a Homeopatia faz parte dos tratamentos que podem ser oferecidos pelo SUS (Figura 5).

Figura 4. Fonte do conhecimento da homeopatia, (n= 124), entre os participantes da pesquisa sobre a Homeopatia no SUS (2019)

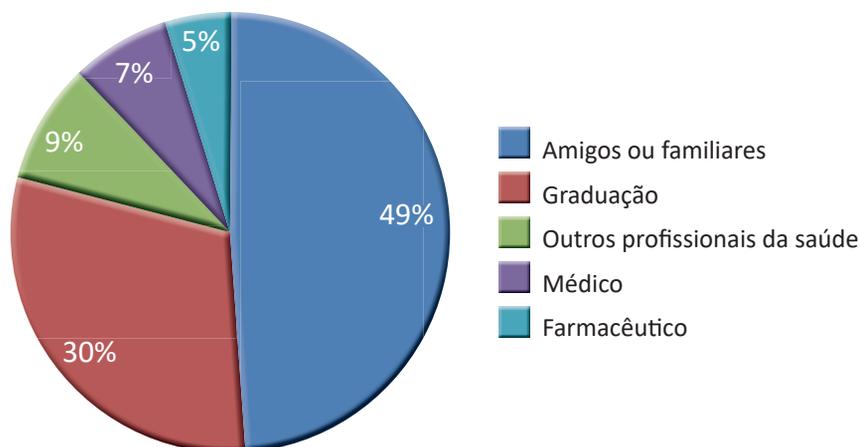
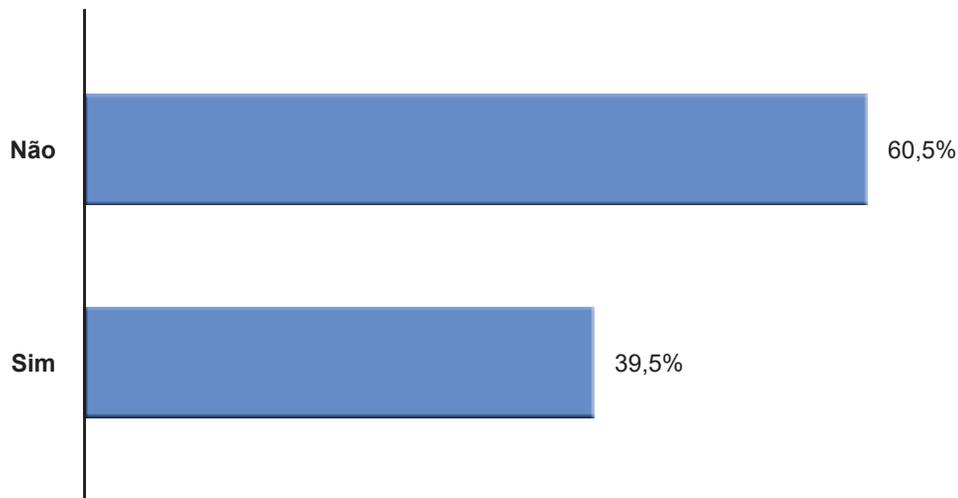


Figura 5. Participantes da pesquisa sobre a Homeopatia no SUS (2019) que afirmaram saber que Homeopatia pode fazer parte dos tratamentos oferecidos pelo SUS (n= 124)



Aos participantes que alegaram conhecer a Homeopatia, foi indagado sobre o uso dos medicamentos homeopáticos. Neste caso, 45,2% declararam já terem utilizado e 16,9% que ainda utilizam. Para aqueles que atestaram nunca terem feito uso destes medicamentos, questionou-se sobre a confiança em utilizar a terapia, de acordo com as respostas, apenas 12,8% dos entrevistados não confiariam na sua utilização.

Com relação à fonte de aquisição dos medicamentos homeopáticos pela população, apenas 1% dos participantes alegou ter feito uso da homeopatia através do SUS, como observado na Figura 6. Por fim, a pesquisa mostrou que 88,5% de todos os entrevistados tinha interesse em conhecer mais sobre a Homeopatia, independente de já possuírem algum conhecimento, ou de terem feito uso de medicamentos homeopáticos (Figura 7).

Figura 6. Fonte de utilização dos medicamentos homeopáticos, de acordo com os participantes (n =77) da pesquisa sobre a Homeopatia no SUS (2019)

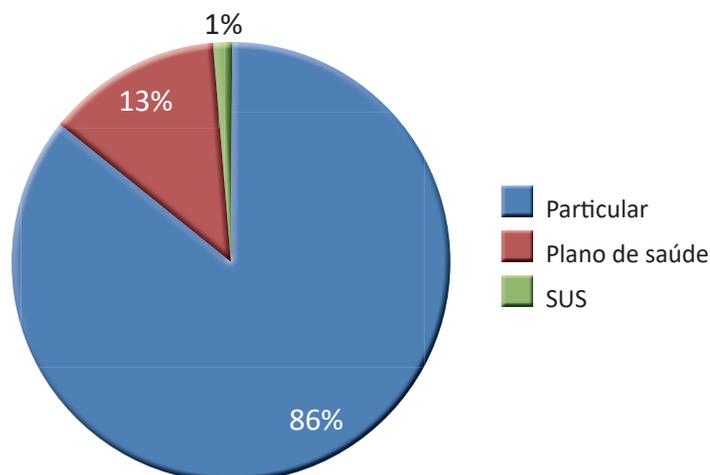
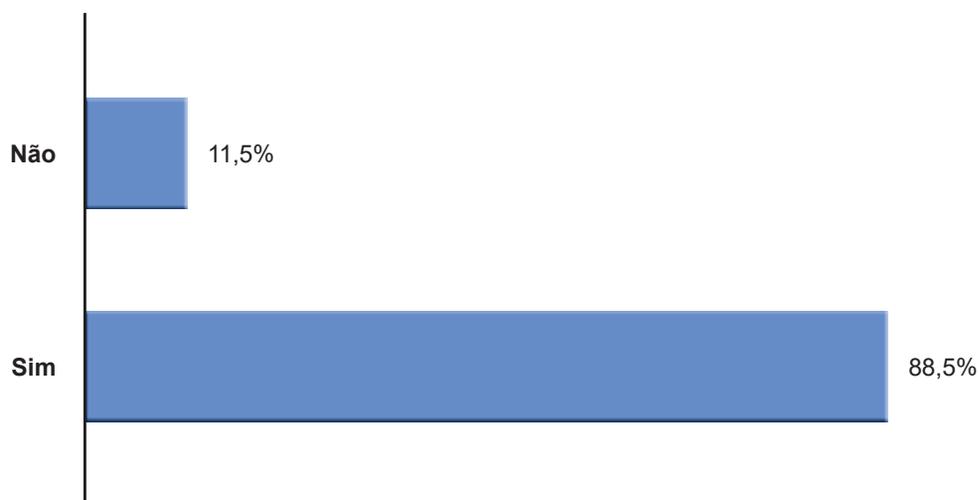


Figura 7. Grau de interesse na terapia homeopática, entre os participantes (n=130) da pesquisa sobre a Homeopatia no SUS (2019)



A maioria dos participantes encontrava-se na faixa de idade entre 18 e 29 anos. Tal fato pode estar relacionado à maneira de aplicação do questionário, visto que o público que mais acessa redes sociais são os jovens. Segundo Fialho e Sousa (2019), a juventude está cada vez mais inserida no universo tecnológico, fazendo desse um ambiente essencial de relações via redes sociais e, portanto, considerando-o uma ferramenta indispensável à vida moderna (15).

Quando analisada a escolaridade dos voluntários, pode-se perceber que a maioria expressiva possuía alto grau de instrução, contribuindo para o conhecimento sobre a Homeopatia, principalmente entre aqueles atuantes na área da Saúde. Também é importante ressaltar que existe um maior número de profissionais do sexo feminino nesta área, o que ajuda a explicar a ampla quantidade de mulheres participantes da pesquisa (16).

Grande parte dos entrevistados declarou ter conhecido o tratamento durante a graduação, o que permitiu evidenciar que noções básicas dos principais conceitos e raciocínio clínico na Homeopatia são ofertadas durante a formação de alguns profissionais. Ainda assim, não são suficientes para habilitar os futuros profissionais a orientar seus pacientes ou fazer com que eles se interessem por esta abordagem terapêutica (17).

Os profissionais da área da Saúde não demonstraram ser os principais propagadores de informações sobre o tema, em especial o farmacêutico. Desta forma, é possível levantar mais um questionamento, quanto à realidade de formação destes profissionais. Um estudo mostrou que grande parte dos estudantes de Farmácia possuía interesse em atuar na área da Homeopatia. No entanto, muitos deles desconheciam a obrigatoriedade de estágios curriculares nesta área e afirmaram ser escassa a oferta de projetos pedagógicos relacionados à Homeopatia na graduação (18).

Estando habilitado, o profissional farmacêutico pode atuar em diversas áreas, desde a pesquisa de novas formulações, na manipulação e na dispensação de medicamentos homeopáticos. Também estará apto a exercer a assistência farmacêutica homeopática, incluindo a farmacovigilância e o acompanhamento biopsicossocial do paciente, permitindo desta forma, observar a evolução do doente, assim como a presença de efeitos colaterais, interações, adesão ao tratamento e outros fatores importantes para a eficácia da terapia (19).

No entanto, Salles (2008) afirmou que profissionais da área da Saúde não estão prontos para abordar o sistema de tratamento homeopático junto à população (20). Além disso, uma pesquisa elaborada por Gontijo e Nunes (2017), que tinha como

finalidade avaliar o grau de conhecimento e credibilidade das Práticas Integrativas e Complementares pelos profissionais da Saúde, evidenciou que a maioria destes profissionais desconhecia esta política e declarou que seus conhecimentos não foram obtidos durante a graduação (21).

Outro fator abordado pelo estudo foi quanto ao oferecimento do tratamento por Homeopatia pelo SUS. Embora a Homeopatia seja considerada uma especialidade médica reconhecida por mais de 30 anos, e sua implantação na saúde pública brasileira como uma prática integrativa e complementar tenha ocorrido há mais de 13 anos, a minoria dos entrevistados reconhecia esta afirmação (7,11).

Segundo Coelho (2017), existem hipóteses que podem ser discutidas e correlacionadas à carência de conhecimento, como por exemplo, a relação entre o modelo homeopático e os profissionais da área da Saúde, assim como a falta de novos estudos voltados para a comprovação científica da Homeopatia, que resultam, desta forma, na falta de credibilidade desta terapia pelos profissionais, gestores de saúde e principalmente pela população (22).

Em relação à utilização dos medicamentos homeopáticos, uma pequena parcela de participantes do estudo afirmou fazer uso, o que pode estar relacionado ao nível de entendimento dos entrevistados, considerando que a maior parte declarou ter conhecido o tratamento por meio de amigos ou familiares. Deste modo, o baixo uso da Homeopatia pode ser associado ao conhecimento distorcido sobre o tema, composto de ideias reducionistas ou muitas vezes associadas a produtos fracos, naturais e até mesmo confundidos com fitoterápicos (4).

Por outro lado, também foram obtidos resultados otimistas e promissores, nos quais foi visível o interesse dos participantes em obter maiores conhecimentos sobre a terapia. Por isso, é possível destacar a grande importância da socialização de informações sobre a Homeopatia e as características da sua prática com ênfase no tratamento humanizado e principalmente na busca do cuidado integral do indivíduo.

CONCLUSÃO

Mediante aos resultados alcançados com a realização do estudo, que teve como principal objetivo traçar os desafios para a aceitação da Homeopatia, bem como, a revisão bibliográfica da literatura, pode ser concluído que a Homeopatia é uma terapia secular bastante conhecida, ainda que superficialmente. No entanto, é pouco utilizada pela população, devido às ideias reducionistas criadas em seu entorno e à baixa aptidão dos profissionais de Saúde em abordar o sistema de tratamento homeopático.

Sendo assim, deve ser considerada a importância de intensificar o ensino sobre essa terapia no currículo dos cursos de graduação da área da Saúde, tornando a Homeopatia um conteúdo de caráter obrigatório e fornecendo aos futuros profissionais fundamentos teóricos. Ainda, há necessidade de robustecer as comprovações científicas sobre a prática homeopática, permitindo, desta forma, que os usuários do Sistema Único de Saúde se beneficiem adequadamente do tratamento. Sugere-se ainda a criação de campanhas públicas que permitam à população compreender e explorar o potencial terapêutico da homeopatia, deixando de lado o preconceito.

REFERÊNCIAS

1. Santos R, Sá FMP. Homeopatia: histórico e fundamentos. *Rev. Cient. da Fac. Educ. e Meio Ambiente*. 2014;5(1): 60-78. DOI: 10.31072/rcf.v5i1.206
2. Teixeira MZ. *Semelhante Cura Semelhante: o princípio de cura homeopático fundamentado pela racionalidade médica e científica*. 2ª ed. rev. São Paulo: Edição do Autor; 2015. 284 p.
3. Futuro DO. *Fundamentos da Homeopatia* [Internet]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2013 [citado em 10 de março 20]. 3 p. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/647/1/Fundamentos_da_filosofia_homeopatica.PDF
4. Dias JS, Melo AC, Silva ES. Homeopatia: percepção da população sobre significado, acesso, utilização e implantação no SUS. *Rev. Espaço para a Saúde*. 2014;15(2):58-67. DOI: 10.22421/1517-7130.2014v15n2p58

5. Monteiro DA, Iriart JAB. Homeopatia no Sistema Único de Saúde: representações dos usuários sobre o tratamento homeopático. *Cad. Saúde Pública*. 2007;23(8):1903–1912. DOI: 10.1590/S0102-311X2007000800017
6. Luz MT. A arte de curar versus A ciência das doenças: História social da homeopatia no Brasil. Coleção Clássicos da Saúde Coletiva. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida; 2014. 455 p.
7. Schwarz A, Paulo S, Schwarz A. Homeopatia no Sistema Único de Saúde. [Tese]. [São Paulo]: Coleção SUS; 2005. 40 p.
8. Galhardi WMP, Barros NF. O ensino da homeopatia e a prática no SUS. *Interface Comunic. Saúde Educ*. 2008;12(25):247–266. DOI: 10.1590/S1414-32832008002000003
9. BRASIL. Ministério da Saúde. Despacho nº 5613/2015. *Diário da República*, nº 102, 27 de maio de 2015. 2ª Série. p. 13550-53.
10. Galhardi WMP, Barros NF, Leite-Mor ACMB. A homeopatia na rede pública do Estado de São Paulo: facilitadores e dificultadores. *Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade*. 2012;7(22):35–43. DOI: 10.5712/rbmf7(22)413
11. Schweitzer MC, Esper MV, Silva MJV. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária em Saúde: em busca da humanização do cuidado. *Mundo Saúde*. 2012;36(3):442–451.
12. Ataídes LB, Souza FP, Sakamoto YS, Espírito GG, Oliveira MC. Homeopatia: um caminho para a humanização da relação médico paciente. *Rev. Homeopat*. 2014;77(3/4):40.
13. Galhardi WMP, Barros NF, Leite-Mor ACMB. O conhecimento de gestores municipais de saúde sobre a Política Nacional de Prática Integrativa e Complementar e sua influência para a oferta de homeopatia no Sistema Único de Saúde local. *Ciênc. Saúde Colet*. 2013;18(1):213–220. DOI: 10.1590/S1413-81232013000100022.
14. CFF. Conselho Federal de Farmácia. Resolução Nº 601 de 26 de setembro de 2014 (26 Set., 2014).
15. Fialho LMF, Sousa FGA. Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais. *Rev. Exitus*. 2019;9(1):202–231. DOI: 10.24065/2237-9460.2019v9n1ID721
16. Pastore E, Rosa LD, Homem ID. Relações de gênero e poder entre trabalhadores da área da saúde. In: *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. 2008. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas UFSC; 2008.
17. Oliveira IF, Peluso BHB, Freitas FAC, Nascimento MC. Homeopatia na Graduação Médica: Trajetória da Universidade Federal Fluminense. *Rev. Bras. Educ. Med*. 2017;41(2):240-250. DOI: 10.1590/1981-52712015v41n2rb20160046
18. Corrêa AD, Leite SQM. Ensino da homeopatia na graduação em farmácia: concepções de ensino da homeopatia nas faculdades de farmácia do Estado do Rio de Janeiro. *Interface Comunic., Saúde, Educ*. 2008;12(25):267-280. DOI: 10.1590/S1414-32832008000200004.
19. La Cruz MGF. O processo de atenção farmacêutica em homeopatia. *Infarma*. 2002;14(11/12):30-36.
20. Salles SAC. A presença da homeopatia nas faculdades de medicina brasileiras: resultados de uma investigação exploratória. *Rev. Bras. Educ. Med*. 2008;32(3):283-290. DOI: 10.1590/S0100-55022008000300002
21. Gontijo MBA, Nunes MDF. Práticas Integrativas e Complementares: Conhecimento e Credibilidade de Profissionais do Serviço Público de Saúde. *Trab. Educ. Saúde*. 2017;15(1):301-320. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00040.
22. Coelho TR. Desafios para a consolidação do sistema de tratamento homeopático no SUS. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Juiz de Fora:Faculdade de Farmácia,UFJF. 2017.